

Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade

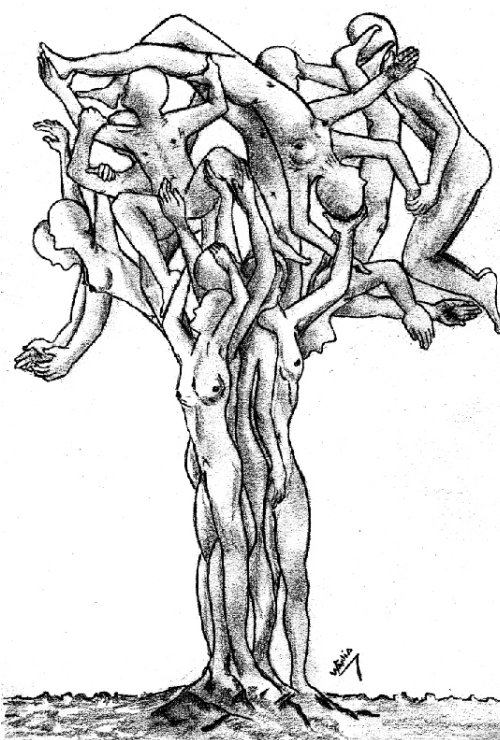
Maria Cristina da Silva Gioseffi*

O pensamento do sociólogo Michel Maffesoli e suas análises teóricas fundaram uma certa tradição relativa aos estudos sobre o cotidiano. No entanto, a exposição breve, como esta deve ser, não nos permite ir além de um mapeamento teórico, mesmo que sumário, das idéias de Maffesoli. Neste sentido, procuraremos ressaltar o entrelaçamento de algumas noções que se aglutinam para configurar o sentido da “cotidianidade” maffesoliana.

Para Maffesoli, a idéia de cotidiano deve ser destacada como estilo de um tempo caracterizado por uma profusão de imagens que permeiam a vida social. Essas imagens, que agregam ou desagregam os indivíduos, irrompem nas mais variadas formas e, na medida em que são apreendidas pelas práticas sociais, são dotadas de significado pela dinâmica da vida social, tornando-se símbolos culturais.

A noção de imagem, para Maffesoli, denota idéia de movimento, de dinamismo e, além disso, a possibilidade de uma percepção social capaz de interpenetrar ratio e mito (Maffesoli, 1995). A conjunção, pela imagem, entre ratio e mito possibilita aos homens tornarem mais rápido o entendimento e a experiência dos códigos sociais, permitindo um certo conhecimento direto, “conhecimento vindo da partilha, da colocação em comum das idéias, evidentemente, mas também das experiências, dos modos de vida e das maneiras de ser”. (p.102)

A imagem fala de muitas formas sobre os



imaginários sociais, tema que, segundo Maffesoli (1993), tem ocupado espaço reduzido dentro das “grandes construções sistemáticas” do pensamento ocidental. O autor ressalta, como veremos, que um mundo imaginal em rebelião aponta para a propagação de uma “epidemia” de imagens que perpassam os diferentes campos da vida social.

Socialidade

Para Maffesoli, o termo socialidade designa a expressão da força social em sua capacidade de aglutinar os indivíduos. Ela expõe o “estar-junto-com” como um misto de simbolismos e de razões que preenchem o viver social com características tão banais quanto tangíveis. A socialidade é o “societal em ato”; gesto que se refere a um fazer-em-comum aliado a um sentir-em-comum. Maffesoli explica a solidariedade de base como aquilo “que me impele em direção ao outro”, que determina as

condições de estruturação de base de toda ação social.

Socialidade, societal em ato, solidariedade de base. São estas as noções que expressam a vontade de ligação entre os homens, afirmando a idéia de pertencimento. Essas noções relacionam-se e se auto-referem para compor a “solidariedade orgânica” do viver-comum maffesoliano. Anunciam-se, desse modo, os contornos da socialidade que se caracteriza pela vontade de tocar o outro, de viver o cotidiano, de pertencer aos grupos, às tribos urbanas, ao mundo social. Essa moldura de solidariedade, de pertencimento e comunidade, expõe uma forma, uma estética da existência social na contemporaneidade.

A vontade de tocar o outro, de pertencer aos grupos, às tribos, aponta para uma estilística da existência denominada estética porque se liga pragmaticamente a uma época, ao estilo de um tempo, às diferentes formas do viver social. A estética do cotidiano valoriza “a maneira de sentir e de experimentar em comum”; modo de afirmação da existência no aqui-e-agora. Existência social efetivada pelo contato com o mundo.

A noção de socialidade ressalta algumas questões: 1) um sentimento de solidariedade experimentado em comum; 2) a referência, no tempo-presente, a um viver social que revigora o sentido comunitário como expressão do imaginário social.

A socialidade de que se trata corresponde

a um certo querer-viver social, no qual a solidariedade do bairro, da rua, das agremiações representa a comunidade de base, em que se gera um sentimento de todo, de pertencimento, que se expressa no tempo-presente, estabelecendo correspondências. Essa comunidade é marcada em sua existência pela preeminência do corpo coletivo sobre o individual, dando lugar ao “societal em ato”: um fazer comum, um sentir comum como possibilidade da estruturação “de base” de toda ação social.

A estruturação de base, ou socialidade de base, está, também, vinculada ao espaço territorial onde se passam as cenas da vida cotidiana, “o espaço vivido simbolicamente” (Maffesoli, 1995, p.116). Há, assim, uma relação de correspondência com o outro: “indivíduo, espaço, objeto, idéia etc.” Desse modo, o ambiente envolve com seu “gênio”, o *genius loci*, as relações sociais. “A materialidade de um lugar é atravessada por um conjunto de imagens coletivas, que lhes dão sentido” (p.117). Imagem e espaço, pelo poder simbólico que expressam, favorecem o “sentir-com” maffesoliano. Pode-se dizer que esse “sentir com” é o que constitui a religiosidade ambiente, característica da pós-modernidade para qual aponta Maffesoli. “De fato, o vínculo religioso não mais está limitado a instituições e lugares que seriam reservados a ele” (p.118). Os locais de “culto” são os mais variados: shoppings, clubes de amizades, centros culturais, sexuais, musicais, esportivos, religiosos etc.

A socialidade de base é o que nos impele em direção ao outro determinando as condições de estruturação de toda ação social. Essa socialidade deve ser considerada não só através dos imaginários sociais, mas também como produto de identificações múltiplas, identificações concretas que se dimensionam, segundo Maffesoli, a partir da relação de pertencimento ao meio-ambiente. É esse o fundamento natural da correspondência entre homens/natureza. É nesse sentido que Maffesoli sinaliza para o ambiente, em sua forma mais simples, como uma materialidade que pré-existe e que acaba por dar sentido aos indivíduos, aos grupos, ao espaço-tempo.

O ambiente é composto de espacialidade: lugares, monumentos, topografias, ecologia, ruas, praças etc.. No entanto, possui também um gênio, um *zeitgeist*, composto por significados que nutrem a vida social; do mesmo modo que estes significados compõem o gênio

de sua época. Essa “correspondência”, essa “reversibilidade”, dinamiza a relação entre ambiente e representações coletivas, dimensionando a existência dos homens contextualmente. Assim, “o contexto é essencialmente pluricausalista, polissêmico, plural, ele favorece a percepção das coisas em massa, e permite, portanto, compreender as massas e também os diversos movimentos que as animam” (Maffesoli, 1995, p.83).

O “presenteísmo”, temporalidade do cotidiano

A cotidianidade é vivida no espaço-tempo-presente. O presenteísmo maffesoliano é marcado pela comunicação social dos olhares, dos gestos, do toque e das conversas informais. É neste tempo, vivido no mundo, marcado pelo encontro com o outro, que o cotidiano pode ser compreendido. Ressalta-se o caráter do presente, tempo do agora, como expressão do relacionamento entre acontecimentos; fenômenos e ações dos homens constituindo comunicação e culturas. É através do viver-comum, da vontade de tocar o outro e de pertencer aos grupos que o sentido do aqui-e-agora demonstra toda a potência da comunicação social.

O presenteísmo marca a idéia de completude no eu-outro: reconhecimento social e participação no aqui-e-agora, no presente. Presenteísmo que se caracteriza pela dinâmica de representação temporal marcada na relação com o outro, que pode ter ou não finalidades preestabelecidas. Relação no presente, cujo ritmo seqüencial expressa as paixões e os afetos experimentados em comum nas situações minúsculas, ritualizadas, que se revestem de uma certa repetição da qual se compõe a vida. O tempo do presente anuncia vivências que se estabelecem pelas práticas e apontam para o futuro ao valorizar a intensidade do imediato, do agora, do “que ronda sempre a vida cotidiana” (Maffesoli, 1988, p.181). Dessa forma, ressalta-se a importância dos símbolos, dos sentidos mediáticos, da imagem.

Podemos dizer que as relações constituídas no presente fundamentam os eventos e criam sentidos tomados em comum, transmitindo significados. A comunicação é a marca dessa socialidade porque pressupõe a troca e a complementaridade que se distendem num jogo de reversibilidade, do qual nascem significados culturais, valores, multiplicidade e diferenças. “A reversibilidade reside, na maior parte das

vezes (sempre?), numa troca desigual, sem que se atribua uma conotação moral a esta desigualdade” (Maffesoli, 1984, p.37-38).

Troca e complementaridade são elementos estruturais da cotidianidade destacada e estão na base do reconhecimento social que se configura a partir dos jogos de reversibilidade. É, pois, necessário que se possa trocar/complementar para existir. E, através de imagens produzidas coletivamente, os indivíduos agregam-se. É essa a estética do cotidiano: “aquilo que me faz experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros” (Maffesoli, 1995, p.128). Estética religiosa produzida pela relevância da imagem nas formas de socialidade contemporânea.

A imagem é percebida e compreendida de forma imediata. Ela é acima de tudo vetor de comunhão porque faz compartilhar emoções. A emoção, neste caso, não deve ser reduzida à esfera individual, pois é vivida, cada vez mais, de forma coletiva. Através da imagem, os indivíduos passam por vivências comuns, aglutinados em torno dos sentimentos, que nem sempre são dóceis ou afetivos, e que se encontram marcados por fanatismos e por intransigências religiosas, étnicas, políticas: a rivalidade das gangues, o ódio entre torcidas, os ataques terroristas, os ataques às igrejas, as guerras religiosas... Enfim, a marca dessa socialidade é o estilo comunicacional, “que permite a todos exprimir e viver muitas potencialidades do seu ser” (Maffesoli, 1995, p.79).

A socialidade maffesoliana: um estilo estético-religioso

A socialidade, assim representada, produz um sentimento de religião social. O sentir-em-comum maffesoliano deve ser apreendido como uma prática religiosa, com a idéia de que nos “religa” ao outro ressaltando-se a importância e a complexidade das formas sociais.

A partir desta imagem de religião social permeando todas as práticas, o cotidiano pode ser entendido como expressão de uma religiosidade que não ocupa nenhum local sagrado e não está apartado das coisas profanas, mas que se estabelece justamente na profanidade do viver em comum. Desse modo, o divino está alocado no mundo terreno e se representa pelas práticas sócio-culturais. Ele não se reporta a nenhum tempo-espaço transcendente, nem a nenhum tipo de vida após a morte e não trata de infernos nem de paraísos.

O “estilo-estético-afetivo” nos convida

a perceber a florescência dessa nova religiosidade que age em torno dos indivíduos por meio de uma “nebulosa” de afetividade que faz redescobrir a “graça invisível de estar junto”. A estética do cotidiano, assim instaurada, valoriza “a maneira de sentir e de experimentar em comum”, um modo de afirmação da existência no aqui-e-agora. É a existência social efetivada pelo contato com o mundo.

A tônica do sentir-comum, essa religião que leva o indivíduo a reconhecer-se no outro, pode se expressar, simplesmente, no tocar o outro. Por isso, deve-se ressaltar a importância das grandes aglomerações urbanas, dos propósitos erráticos da deambulação, das manifestações esportivas, musicais, religiosas e/ou políticas. São estes os aspectos dessa religião que divinizou as práticas sociais. Religião que sacraliza o mundano e que não possui templos específicos.

Assim, esse estilo estético-religioso afirma-se como pertencendo ao mundo, confundindo-se nos diferentes âmbitos das relações sociais. Não possuindo local determinado para o culto; a nova configuração religiosa adere a shopping-centers, clubes, eventos esportivos... e a toda sorte de aglomerações múltiplas, em suas formas mais banais, tornando sacrossantos os diversos rituais da sociedade.

Socialidade e ideologia

A sociedade é atravessada pela vitalidade de múltiplas representações ideológicas tornadas forças sociais, constituindo valores. A ideologia, como apresentada por Maffesoli, relaciona muitos campos, responde a muitas questões, apreende na efervescência de sua época a dinâmica da socialidade. É nesse sentido que deve ser exaltada, ou seja, como força capaz de informar sobre a sociedade do seu tempo, sem preocupações com falsas consciências ou sentidos que devam ser dialeticamente revelados. Idéias atuando na comunicação da vida social, na pluralidade das causas e das razões, exprimindo, de um certo modo, a possibilidade de se viver a diferença, posto que é na contradição que se constrói a labilidade do social, fator apreendido em muitas cores, formas e ambiências - intelectual, cultural, econômica, tecnológica, que caracterizam cada época e se referem, de certa maneira, ao espaço-tempo no presente.

A ideologia possui, em Maffesoli, uma dimensão mitológica que perpassa a sociedade, dando-lhe existência, gerando

sentidos sociais, realizando projetos, exaltando no corpo social mudanças efetivas. É assim que reencontramos no social as marcas do discurso mítico, de fundação, de identificação, origem e pertencimentos sociais. Origens referidas às práticas culturais, que se reproduzem em atitudes simbólicas. Ao destacar a idéia de origem, procuramos revigorar as noções de solidariedade de base e de socialidade. É o “societal em ato” expressando o poder de fundação, ordenação e articulação dos sentidos que atualizam o viver social.

Os mitos falam de suas sociedades, guardam valores e informações, narram histórias que não se devem perder no tempo da finitude humana; falam de origem, fundam povos, sociedades, práticas culturais (ritos, religiões, danças, jogos, vendetas, tabus etc.); falam da vida e revelam aspectos da condição humana. Assim como o mito, a vida (indivíduo/sociedade) tem sua própria poesia.

O pensamento maffesoliano e a pós-modernidade

O tempo da pós-modernidade pode ser expresso por apreensões temporais que se misturam, reminiscências etc.. A pós-modernidade, nos estudos maffesolianos, aponta para a expressão das formas imaginárias como potências produtoras de vida social. Seu ambiente é abrangente e explode numa profusão de imagens e percepções. A pós-modernidade deve ser compreendida, sobretudo, a partir dos sentidos vividos em comum no aqui-e-agora; no espaço-tempo-presente.

O presente na cotidianidade pós-moderna não se configuraria por imagens monolíticas, formas únicas, monocausalidades. Esse tempo do presente se caracteriza por uma materialidade exaltada, que sacraliza e reveste de afetos os objetos, as imagens. Há também uma embriaguês pelos descartáveis, que são tanto os objetos supérfluos e seus acessórios, como os fanatismos e seus sincretismos.

Pode-se expressar o cotidiano em muitos sentidos; assinalado pelos eventos

interativos no espaço-tempo da socialidade de base, sendo esta a manifestação do convívio social contextualizado; sentidos múltiplos capazes de estabelecer comuni-

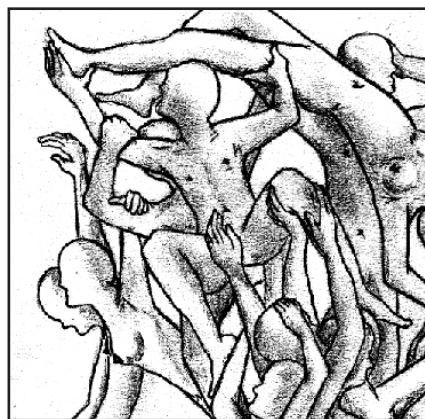
cação e possibilitar a interlocução que se efetiva em pertencimento; é uma comunicação multirreferencial que, ao fazer participar o maior número possível de pessoas, compõe o viver comum.

Para Maffesoli, ressaltar a pós-modernidade constitui possibilidade de compreender o movimento dinâmico de um viver

social que, em sua potência e em sua contemporaneidade, não pode, ainda, ser totalmente entendido. O próprio Maffesoli destaca que o uso do termo pós-modernidade é o mais interessante, “enquanto não se tenha um nome melhor para dar” a esse conjunto de fenômenos observados por alguns teóricos preocupados em analisar a simultaneidade de sentidos que emergem de um mundo pleno de tradições, de repetições² e que, de outra forma, se apresenta, também, como um mundo de tecnologias sofisticadas. Mundo que não deixa de incluir, na mesma proporção de sofisticação, os vírus mutantes, hemorrágicos, incontroláveis, das virtualidades (do “parece que é mas não é”), do tempo globalizado, que dilui fronteiras nacionais e aloja em qualquer parte do planeta o capital das grandes empresas multinacionais.

Transcendência-imanente e vitalismo

Os atos em sociedade utilizam-se de códigos culturais elementares, nos quais a expressão emerge da dinâmica das práticas humanas. Maffesoli chama esta emergência de significados de “transcendência-imanente”, que não postula nenhuma verdade de sentido, posto que é parte envolvida no processo de sua constituição. É o aspecto transcendente-imanente das representações simbólicas que configura as formas de pertencimento social. A transcendência-imanente representa para o autor uma certa expressão do holismo vivenciado na socialidade do cotidiano. A participação como fator agregativo do viver-em-comum revela a



força que emerge das práticas sociais como ação pragmática permeada por múltiplos simbolismos que se desdobram em sentimentos de pertencimento. Dessa forma, o visível e a materialidade das práticas se complementam no onírico, no festivo, no imaginário.

As noções de participação e correspondência remetem ao holismo maffesoliano, que procura sublinhar a idéia de sistema, se visto como jogo dinâmico de elementos que se referenciam e produzem interações capazes de reproduzir, reconhecer e (re)criar modelos culturais.

Para Maffesoli, o vitalismo faz referência ao viver social como expressão do movimento dinâmico de um sistema cuja energia coloca em relação inúmeros elementos, possibilitando a criação de outros. Existe uma pluralidade de causas e de razões emergentes da comunicação social - correspondências, analogias, socialidade. O vitalismo destaca a organicidade, participação e correspondência, mas ressalta, também, o embate entre as forças "pluriais"³ que atuam através da vida social.

A organicidade a que se refere Maffesoli substitui a idéia de função pela de papéis vividos na teatralidade do cotidiano; por isso, na organização societal se aglutinam elementos de diversos caracteres, ou seja, figuras plurais. As forças "pluriais" atentam para o conflito de valores existentes na socialidade. É preciso perceber a tensão das forças contraditórias, orgiásticas, que constroem esse "complexo arquitetônico das paixões e das situações que é próprio do social" (Maffesoli-1988).

É preciso, diz Maffesoli, trazer à cena o cotidiano das praças públicas, das conversas dos bares, porque é na banalidade das existências que se constitui a realidade teatral, a qual se refere Maffesoli: "É forçoso reconhecer-se que a existência social é, antes de mais nada, teatral, e à vista disso cada cena, por mínima e "séria" que seja, é importante (...). Na teatralidade, nada é importante porque tudo é importante. E o que, de uma maneira 'não-consciente', preside o ordenamento é o sentimento de participar, quer se queira, quer não, de uma representação geral." (1985, p.18).

Comutabilidade e reversibilidade: socialidade e precariedade

Visto como prática social, o cotidiano se apresenta com muitos sentidos, além de se expressar de maneira desordenada e aleatória. Comunicação multireferencial, a interlocução que predomina é aquela que se expande e faz

participar os indivíduos da comutabilidade e reversibilidade que se manifestam nas práticas culturais, nas experiências criadas a partir do movimento de encontro ao outro e através-do-outro.

O estilo estético do cotidiano maffesoliano instiga a concepção teórica interpretativa que ressalta as idéias de "comutabilidade", "reversibilidade" e "sinergia". A noção de comutabilidade pode ser exemplificada pela regra matemática da comutação, ou seja, de que a ordem dos fatores não altera o produto, sem deixar escapar, no contexto das trocas sociais, o caráter de síntese relacional que cria sentidos como elemento de uma rede que se liga a outros elementos (objetos, assuntos, situações anódinas, eventos importantes, ideologias, relações sociais etc.).

Por outro lado, esses mesmos elementos coexistem, formando uma globalidade, um todo, que, mais ou menos expandido, constitui-se em uma realidade cotidiana. Sentir-se em correspondência com os outros e participar com eles de um conjunto mais vasto, embora simples, representam uma vivência mais ampla que impele o ser humano para as pequenas utopias de construção de um mundo melhor no espaço-tempo-presente, reverenciando os pactos éticos que favorecem a comunhão da imagem e da razão, do sonho tornado realidade, o imaginário projetando o mundo, o viver social. "Trata-se, então, de uma utopia em minúsculas, que sabe que o desabrochar de cada um, no próprio seio do cotidiano, só pode valorizar o bem-estar coletivo." (Maffesoli, 1995, p.71)

O sentimento de prazer aí compartilhado exprime muito bem a extensão da noção de reversibilidade na socialidade, que demonstra o caráter relacional que desloca os centros de referência em função dos diálogos estabelecidos socialmente. Esse fator faz-nos reconhecer que "nada é absoluto, mas que cada coisa vale enquanto estiver em relação com o conjunto das pessoas e das coisas" (Maffesoli, 1995, p.99), uma prática hermenêutica constituindo sentido, vale dizer. Assim, surgem as correspondências entre forma e

estrutura, imagem e coisa, imaterial e material, e, acima de tudo, a possibilidade de expansão, de reversibilidade, de experimentação e mudança; a abertura de horizontes.

A imagem de sinergia (de "sentido cenes-tésico"⁴) completa, a nosso ver, o sentido das categorias de comutabilidade e reversibilidade. A sinergia supõe um equilíbrio de forças conflitantes, que se entrelaçam a partir de suas diferenças, da diversidade. Não há comutabilidade, reversibilidade e muito menos sinergia sem o atrito das forças ativas e reativas que movem a vida no cotidiano, sendo o choque entre essas forças, quer dizer, a ação de uma sobre a outra, que promove o desabrochar das formas e figuras sociais.

Rompe-se, então, com a idéia de um social descrito sempre como exemplo da disposição natural, uma tendência instintiva para o convívio harmonioso. Não se trata aqui de adotar o outro lado da moeda, aquele que prevê fundamentalmente o egoísmo no fim de todas as coisas. Deseja-se, apenas, enfatizar a criação de

sentidos, da comunicação, do entendimento, apesar das diversidades, desigualdades e diferenças.

Uma sociedade, qualquer que seja, comporta tanto relações hierárquicas (desiguais) quanto outras igualitárias. O mito da igualdade social traduziria nossa atração para explicar (ou reduzir) todos os fenômenos da sociedade pelo modelo econômico, convertendo, assim, os processos de interação humana em uma única lógica: a de mercado.

A idéia de hierarquia, como fator diferenciador, rechaça um ideal que, ao buscar a uniformidade dos fenômenos, reduz a singularidade dos processos culturais. Essa mesma idéia cria a inteligibilidade, racionalidade

e comunicação simbólica, contextualizando os diferentes âmbitos da participação social, tornando possível compartilhar com o outro a diversidade do estar-no-mundo, aqui-e-agora, referência ética de uma prática de vida no presente.

Mesmo assim, o compartilhar dos símbolos sociais não é promessa de superação da incompletude, pois não há nenhum porto seguro, nenhum paraíso acalantador. Apenas



a busca em seu processo social constitui significado. Busca e socialidade, pois o outro é aquele elemento que marca a incompletude, a finitude, os limites assinalados em inúmeros desejos, definindo os pactos humanos formadores de singularidades, de mundo, de socialidade.

As existências tomadas em comum e os sentimentos compartilhados, compreendidos, tornados sociais - sentimentos empáticos, às vezes, explosivos -, não se prendem a nenhuma homogeneidade. Apenas a existência, ou seja, a vida como ela é: trágica, aferindo a exata medida da finitude humana, sem pretender agir sobre o que não tem domínio ou procurar verdades eternas e imutáveis como forma de dar sentido ao que, naquele momento, não requer sentido. Falar da vida é falar de uma realidade complexa e movente que provoca em sua errância as formas de estruturação do saber teórico, do pensar incansável sobre esta mesma realidade, a fim de melhor compreendê-la, descobrindo os meandros, os caprichos, os mistérios e as suas particularidades (sinais de nascença, formas comuns, obscuridades).

“O mundo imaginal”

“Quando se é possuído por um amor, por uma divindade, por um sentimento, o corpo, o rosto, transfigura-se, adquire outra dimensão” (Maffesoli, 1995, p.135).

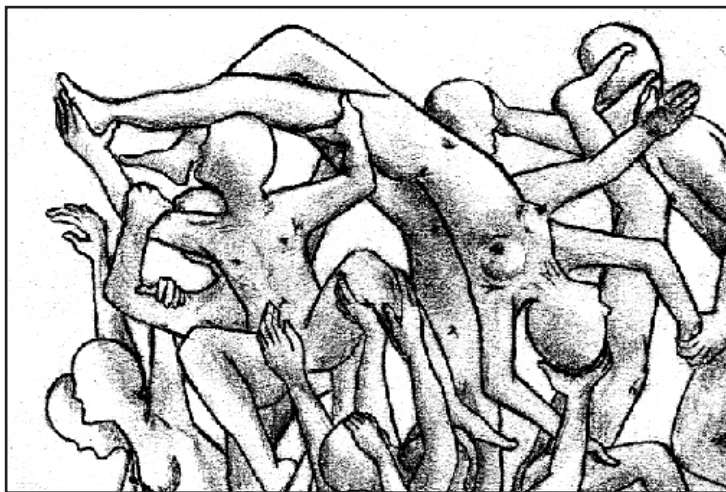
Enquanto signo transfigurador, a imagem é capaz de conduzir o imaginário provocando sua projeção de uma realidade para outra. A transfiguração pela imagem nos faz pensar na “movência” das formas simbólicas em seu poder, por exemplo, de dimensionar o viver dos homens. A imagem, ao transfigurar sentidos, leva à compreensão da polifonia que o viver cotidiano expressa em múltiplas formas.

A socialidade maffesoliana destaca o poder das imagens que permite a vivência dos sentidos sociais. A imagem faz perceber significados ao invés de explicar significados. Assim, sua atuação é pregnante na cotidianidade: é vetor de comunhão, de interação, de correspondência e constante reversibilidade. Comunica, faz reconhecer, cria pertencimento,

conforme Maffesoli: “A sensibilidade fenomenológica ou a perspectiva imaginal permite, por um lado, estar-se atento aos objetos e/ou aos eventos por si mesmos, em toda sua concretude, sua presença e sua dinâmica própria” (1995, p.95).

Através das imagens pode-se sentir o poder de criação e/ou manutenção/extinção dos signos. A “consciência simbólica”, as representações sociais se expressam em diferentes signos a partir das práticas humanas. Ressaltando-se que as imagens em sua multiplicidade de formas fazem parte de um tempo e entendimentos históricos, vivenciados pelo pertencimento e reconhecimento sociais. Desse modo, aponta-se para sua efemeridade, a pontualidade contextual de seu significado, “ela nada vale por si mesma, mas, em movimento de reversibilidade”, extraindo força e representação do todo social no qual a imagem se integra.

A imagem faz participar, sentindo-em-comum; é este o estilo-estético que “religa” os indivíduos pelo poder do imaginário social. Também é dessa forma que Maffesoli comenta a estética dessa “época emocional”, orgiástica, confusional, na qual a socialidade se expressa “nos ambientes afetuosos das relações de amizade, na viscosidade das aderências religiosas, sexuais, culturais, todas as coisas que precisam de imagens que lhes sirvam de



catalisador” (1995, p.103).

A imagem, como fonte de compreensão dos significados culturais, faz a sociedade participar da “contemplação estética” que pode ser compartilhada pelo sentimento do viver-em-comum. Ela é tomada como fator de agregação, partilhando paixões: maneiras

de ser, de estar e de pensar; formando o que Maffesoli denomina de tribos urbanas. A ebulição imagética irrompe produzindo, também, formas incontrolláveis de desagregação: choques, conflitos, fanatismos, explosões, atentados terroristas etc.; além do que, certos sentidos são partilhados apenas por uns poucos, os “iniciados”.

Arrebatada por sentidos múltiplos, a imagem comporta formas desfiguradas e assume feições perversas e fanáticas; algumas seitas transformam-se em pesadelos de disputa pelo poder sobre a alma de outrem. Alguns fanáticos arrastam seus rastros pelo mundo: no Japão, em Tóquio; nos EUA, em Oklahoma e San Diego; no Brasil, no Oriente Médio, na Rússia⁵ etc., política e religião tornam-se parceiras; de maneiras diferenciadas assumem o “comando de grupos, da realidade, da Verdade e do Juízo Final.

A rebelião do imaginário

De acordo com Maffesoli, está havendo uma “rebelião do imaginário”, causada pelo esgotamento dos grandes sistemas explicativos, incapazes de perceber aquilo que seria da ordem do não-lógico, do não-racional. A tradição do pensamento moderno, desde Descartes, privilegiando a “razão racionante”, empurra para a marginalidade todas as potencialidades do conhecimento que se guarda nas imagens. Impedindo, desse modo, a compreensão do “parâmetro do imaginário”, que, agora, se rebela formando uma enorme vaga, “diria que é um vagalhão, uma onda violenta que chega e que nada pode conter” (1993, p.6).

Este enorme vagalhão remexe as profundezas do imaginário social, trazendo à tona o que o autor propõe chamar de “um mundo imaginal”: “de modo geral, a espécie de mistura de grandes ajuntamentos de tudo que se refere a imagens, aos imaginários, à imaginação e ao simbólico na vida social”. (id.ib.)

Não há nenhum campo do viver social que não esteja contaminado pelo imaginário: a produção de idéias, a fé religiosa, a ordem política etc.. A ordem das imagens contamina; trata-se de uma verdadeira epidemia; impregnando nossas vidas, agindo sobre nós muito mais do que agimos. A ordem das imagens escapa,

dessa forma, ao entendimento, impossibilitados que estamos de perceber sua amplitude, o seu alcance confusional. "Nossa instrumentação não está, até o presente, adequada para compreender o impacto desta rebelião do imaginário" (Maffesoli, 1993, p.8).

A relevância desse mundo imagético fortifica-se com os grandes "ajuntamentos" contemporâneos. A contaminação do imaginário e a eclosão das inúmeras formas "totêmicas" em torno das quais se aglutinam grupos, realizando a dinâmica de reversibilidade da socialidade destacada. Os indivíduos e as representações coletivas tornam original a ambiência dessa realidade que se distingue pela "efervescência" de sua ordem confusional; "onde se ultrapassam os limites, onde se transgride, onde há algo que se move, que é extraordinariamente vivo, e que é a partir disto que a comunidade se funde regularmente ou torna a se fundir" (id., p.11).



integradas com habilidade (1995, p.71).

⁵ Faz-se referência aos atentados terroristas e/ou religiosos.

Bibliografia

- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. Os imaginários do social. *Revista Psicologia & Práticas Sociais*. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia/UERJ, 1993, v.1, n.3.
- _____. *Présentation. Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Livre de Poche, 1991.
- _____. *A sombra de Dionísio - Contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- _____. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Notas

¹ Maffesoli utiliza o termo *societal* "para sublinhar uma característica essencial do 'ser-estar-junto-com' característica essa que supera a simples associação racional. A socialidade é a expressão cotidiana e tangível da solidariedade de base, vale dizer, do societal em ato" (1985, p.7).

² A convergência de convivências, tempos e sentidos da pós-modernidade aponta tanto para inovações como para "repetições" de ideologias e práticas que marcaram a modernidade. O autoritarismo presente nos grupos neo-nazistas, a intolerância étnica e racial, as sanções geopolíticas, a impotência da comunidade mundial diante dos massacres na Bósnia (por exemplo), da fome epidêmica, dos atentados terroristas, dos "loucos de Oklahoma", dos "assassinatos da paz" (entre eles Isaac Rabin); além das diversas formas de sectarismo religioso.

³ "Neologismo do autor (*pluralité*), com o qual enfatiza a existência de variedades, diferenças e contrastes (*pluriel*)" (Maffesoli, 1988, p.81).

⁴ De acordo com Maffesoli, o sentido cenestésico compõe-se por meio de um equilíbrio que integra tanto a função como a disfunção, "tudo é permitido, nada é proibido, pois todas as coisas, inclusive o anômico", são